

Fundação Stickel e a arte como instrumento transformador

HÁ 18 ANOS, A FUNDAÇÃO STICKEL, CRIADA NA DÉCADA DE 40 COM SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA MÉDICA E QUE ENCERROU AS ATIVIDADES NO FINAL DOS ANOS 70 EM CAMPOS DO JORDÃO, RETOMOU AS ATIVIDADES EM SÃO PAULO, ESPECIALMENTE EM BAIRROS COM CARÊNCIA DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS, OFERECENDO CURSOS E OFICINAS GRATUITAS QUE POSSIBILITAM NOVAS JORNADAS DE APRENDIZADO E PROFISSIONAIS.

A história da Fundação Stickel vem de longe. A jornada começou em 1936 quando o industrial e empresário paulista Ernesto Diederichsen e sua esposa Maria Elisa "Lili" Arens Diederichsen chegaram à cidade serrana de Campos do Jordão, no interior paulista. Constroem a residência de veraneio da família em 1941 e empreendem na construção do icônico Hotel Toriba, inaugurado em 1943. Com o decorrer do tempo, a pobreza e condições sanitárias chamaram a atenção do casal que, em 1946, criou o Grêmio Bernardo Diederichsen, visando atender a população, famílias e crianças que chegavam à cidade para acompanhar o tratamento de tuberculose de parentes.

Após o falecimento de Ernesto, em 1949, as obras assistenciais foram assumidas por sua filha Martha Diederichsen Stickel e seu genro, Erico João Siriuba Stickel. O trabalho social levou o casal a criar, em 1951, a Associação Beneficente Martha e Erico Stickel, transformada, em 1954, na Fundação Beneficente Martha e Erico Stickel, que visava naquele momento suprir as carências mais imediatas da população desprotegida, prestando um serviço assistencial completo e gratuito, com consultório médico e dentário, raios-X e ambulância. No final dos anos 70, com o INPS, atual SUS, cada vez mais abrangente, impondo normas e regras para seguir com o atendimento,



O casal instituidor da Fundação Stickel, Martha Diederichsen Stickel e Erico João Siriuba Stickel, em foto de Fernando Diederichsen Stickel de 15 Abril 2003

ELSTICKELSTICI

A FUNDAÇÃO EXPOSIÇÕES CURSOS FACES APOIE TRANSPARÊNCIA CONTATO Q

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO PAULO E FUNDAÇÃO STICKEL APRESENTAM

FACES
2º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA ERICO STICKEL

EXPOSIÇÃO
A CIDADÊ DIANTE DOS MEUS OLHOS
DE 17 JUNHO A 21 OUTUBRO

MESAS DE DEBATE
O PODER TRANSFORMADOR DA ARTE,
ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

24/6 COM EDU SIMÕES
5/8 COM RONALDO ENTLER
12/8 COM JUAN ESTEVES



<https://www.fundacaostickel.org.br/>



Fernando e Sandra
na recente exposição
Feres Khoury Pinturas

entre outras questões, fez com que o casal encerrasse as atividades.

Após um hiato de 30 anos de inatividade, Fernando Stickel, filho do casal, assumiu a presidência da instituição. “A Fundação entrou na minha vida sem planejar, mas entrou. Em 2004, a Fundação Stickel dormia em sono profundo há cerca de 30 anos. Meus pais a desativaram por inúmeras questões, mas ela estava parada e apenas sobrevivia porque havia um contador que fazia um trabalho burocrático mínimo para mantê-la”, conta Stickel, arquiteto formado pela FAU USP, artista plástico e fotógrafo, com longa militância no universo cultural e que viria a apostar na arte como instrumento transformador.

“Em 2004, encontrei uma pessoa, começamos a conversar e ela pontuou: vocês têm fundação? Presta atenção: em 2003 mudou o código civil e as fundações, criadas com capital privado e finalidade pública, devem trabalhar para a sociedade. Se estiverem inativas, o Curador das Fundações, pela nova lei, pode dizer o seguinte: vou pegar os seus bens e dar para outra fundação que está

“A Fundação entrou na minha vida sem planejar, mas entrou. Em 2004, a Fundação Stickel dormia em sono profundo há cerca de 30 anos. Meus pais a desativaram por inúmeras questões, mas ela estava parada e apenas sobrevivia porque havia um contador que fazia um trabalho burocrático mínimo para mantê-la”

FERNANDO STICKEL

com falta de verba. Levei a questão para a família. Meu pai diagnosticado com câncer – era o último ano de sua vida (faleceu final de 2004) – não queria mais nada, meus três irmãos tampouco se interessaram e minha mãe, sempre de acordo com meu pai, também não”, lembra Stickel. “Então, em um gesto que até hoje eu reputo como maluco, corajoso ou sabe Deus o que, falei: eu vou cuidar. Mas quero que se transforme em uma fundação cultural, porque até então era de filantropia assistencialista clássica”, destaca Stickel, fazendo jus à sua formação pessoal.

Mas fato é que coube à arquiteta Sandra Pierzchalski, esposa de Stickel, o empurrãozinho final para investir em projetos de arte e cultura. “Em 2004, a Sandra me cutucou para tomar esse caminho e juntos começamos a ressuscitar a Fundação. Somos os dois arquitetos: ela é atuante e eu logo cedo fui para as artes plásticas. Investi 30 anos na carreira de artista plástico, mais uns tantos anos na fotografia e depois fiquei 100% por conta da Fundação que já vai fazer 18 anos na minha gestão. Então, na verdade, a Fundação e o Terceiro Setor

Levy Ávila Junior
2016



são minha terceira carreira”, pontua Stickel.

“Sandra e eu saímos promovendo arte e exposições. Eu tinha um imóvel na Rua Ribeirão Claro na Vila Olímpia que estava fechado. A Sandra fez uma reforma e criamos a primeira versão do espaço de exposições da Fundação Stickel. Em 2005 e 2006, fizemos nove exposições. Esse foi o início: 100% arte. Luiz Paulo Baravelle e outros bons artistas precisavam de exposições”, lembra Stickel. “No meio do caminho, eu estava atento a toda parte legal da Fundação que é bem pesada, burocrática, são milhares de exigências para estar de acordo com a lei e as boas práticas do Terceiro Setor, por exemplo, certidão de instituição cultural municipal, estadual e federal também. Isso tudo se faz necessário para participar de editais de arte e cultura.”

Em um dado momento o Comas – Conselho Municipal de Assistência Social – questionou se a Fundação Stickel tinha algum projeto social

José Carlos Vitorino
2012



próprio. “Eu tive que dizer que não e eles avisaram que sem um projeto social próprio não obteríamos o registro. Chamei uma consultora que trouxe o projeto “Mulheres de Talento”, isso em 2007. Criamos o projeto para atender jovens mães solteiras na Vila Brasilândia, conhecido por ter, na época, o pior IDH na capital. Então como estávamos partindo do

próprio. “Eu tive que dizer que não e eles avisaram que sem um projeto social próprio não obteríamos o registro. Chamei uma consultora que trouxe o projeto “Mulheres de Talento”, isso em 2007. Criamos o projeto para atender jovens mães solteiras na Vila Brasilândia, conhecido por ter, na época, o pior IDH na capital. Então como estávamos partindo do

Ariana Matos Gonçalves
2016



zero, escolhemos o pior do pior”, revela Stickel.

“Era uma casa na Freguesia do Ó, também reformada pela Sandra. Embaixo havia uma mini creche e, em cima, a oficina de pintura, psicólogo, conversas de profissionalização, diversos ensinamentos como, por exemplo, comportamentais em uma entrevista de emprego. Esse projeto funcionou até que percebemos que precisávamos oferecer uma porta de saída mais clara”, coloca Stickel. “As mulheres não podiam somente ficar lá. Precisavam ter um caminho diferente e acabaram sendo realocadas em dois grupos de geração de renda: um de cozinha e um de costura, que foram incubados por nós durante dois anos com tecnologia da Fundação Getúlio Vargas. Após dois anos os grupos passam a andar com as próprias pernas: um fazia sacolas com material reciclável e o outro pequenos buffets, utilizados por nós inclusive, por muito tempo, em nossas exposições. Eram cerca de 20

“As pessoas que sentem uma profunda carência de arte mesmo sem conhecer são muito impactadas pelos nossos cursos. Essa metodologia de fazer cursos na periferia foi sendo aprimorada e hoje a gente conta com cerca de 20, 30 educadores das mais variadas áreas.”

FERNANDO STICKEL

mulheres em cada grupo que depois passaram a cuidar da própria vida. Havíamos ganho máquinas de costura e material de cozinha (maquinário industrial) que elas puderam levar”, complementa o presidente da Fundação.

“Essa dicotomia de olhar para arte e o social e com nossa experiência no decorrer das nossas atividades resultou em nosso mote atual: Arte Transforma. O impacto da arte é profundamente transformador principalmente nessas comunidades nas quais atuamos, onde não há opções de lazer e culturais. Na Brasilândia, por exemplo, além de bares e igrejas quase não tem lazer, no máximo um campinho de futebol”, discorre Stickel. “As pessoas que sentem uma profunda carência de arte mesmo sem conhecer são muito impactadas pelos nossos cursos. Essa metodologia de fazer cursos na periferia foi sendo aprimorada e hoje a gente conta com cerca de 20, 30 educadores das mais varia-

das áreas. Fomos nos aprimorando e ampliamos o número de parceiros.”

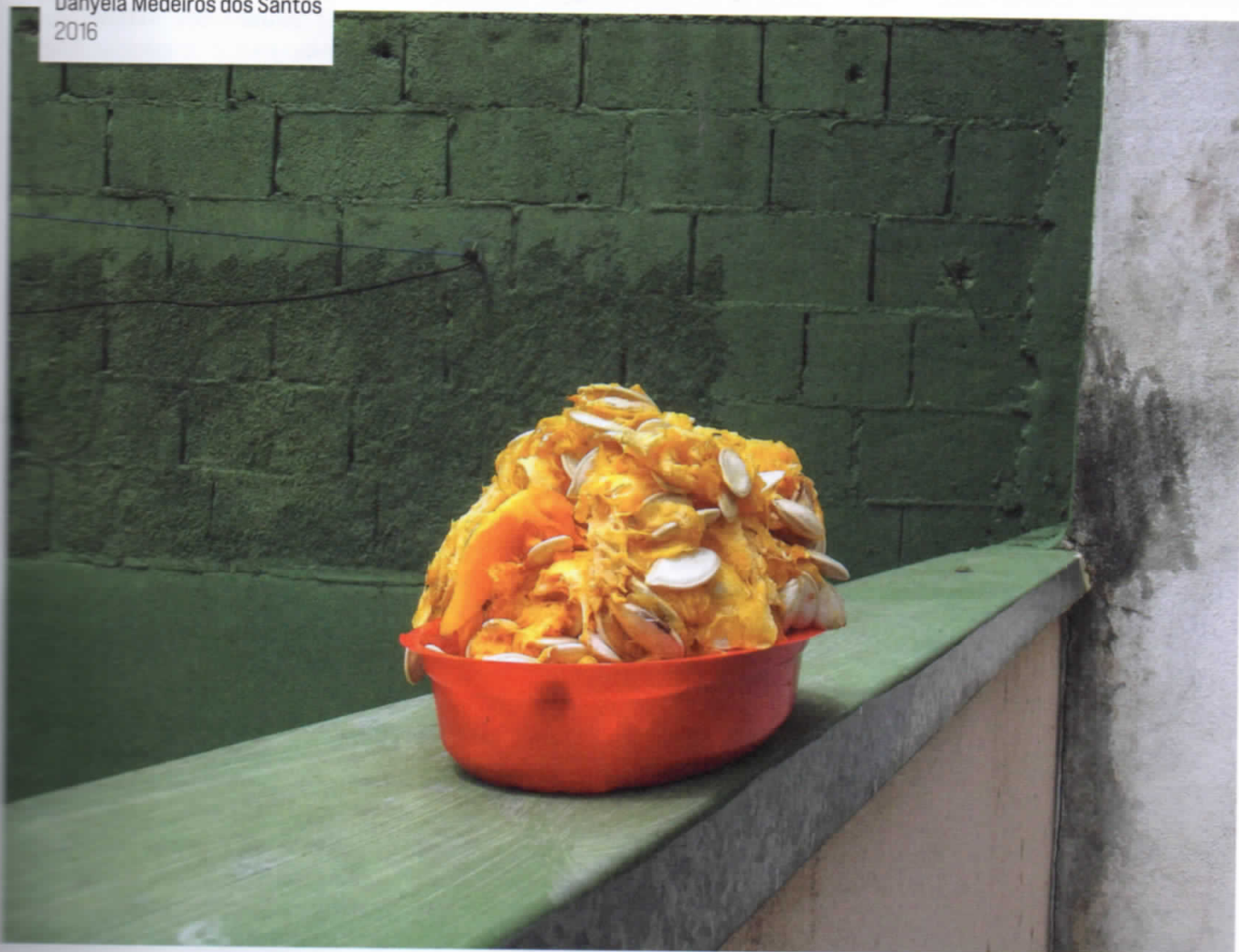
A Fundação Stickel passou a atuar em São Paulo, especialmente em bairros com carência de equipamentos culturais, oferecendo cursos e oficinas que possibilitam novas jornadas de aprendizado. Fotografar, desenhar, esculpir, criar xilogravuras e marchetarias estão entre as atividades gratuitas propostas pela Fundação Stickel para jovens e adultos. “Também promovemos ações de fomento à arte, com lançamentos de livros e realizando exposições públicas”, pontua Stickel. “Os primeiros cursos foram de fotografia, na Vila Brasilândia, e seguem sendo um dos carros-chefes da Fundação até hoje. Além do projeto “Mulheres de Talento”, começamos a oferecer cursos de arte. A primeira professora que entrou foi

“Então, em um gesto que até hoje eu reputo como maluco, corajoso ou sabe Deus o que, falei: eu vou cuidar. Mas quero que se transforme em uma fundação cultural, porque até então era de filantropia assistencialista clássica”

FERNANDO STICKEL

a Vera Martins, uma artista plástica paulistana moradora do bairro Freguesia do Ó, onde tínhamos nossa casinha para atendimento. Ela soube da nossa presença, bateu na porta, pediu para dar aula e foi a primeira professora voluntária. Na sequência, meu amigo o fotógrafo Arnaldo Pappalardo pediu ajuda para fazer um livro. Aí inventei o Projeto Contrapartida e ele também começou a dar aula no projeto “Mulheres de Talento”. O conceito permaneceu e ele continuou por seis anos, sempre com contrapartidas como seu livro, exposições no Rio e em São Paulo. Então a fotografia é a modalidade que tem mais tempo de duração na Fundação e nós temos muitas fotos fabulosas de alunos. Inclusive fazemos calendários sempre dando o crédito aos novos artistas fotógrafos.”

Danyela Medeiros dos Santos
2016



Atualmente, a Fundação tem como principais parceiros a Poiesis — gestão cultural, Fábricas de Cultura, especialmente, a Casa de Cultura da Vila Nova Cachoeirinha, parceira de longa data, o Governo do Estado de São Paulo e a Associação Crescer Sempre em Paraisópolis. A Fundação também conta com a Certificação do Selo Doar que aumenta a legitimidade e o reconhecimento público comprovando critérios de qualidade em gestão e transparência. “E assim vamos conquistando novos parceiros e principalmente, visando a evolução na captação de recursos”, avalia Stickel.

Durante a pandemia da Covid-19, a Fundação acabou desenvolvendo cursos de arte online. “O curso presencial é limitado a um número de 15 a 20 pessoas. Já o curso online permite uma quantidade de participantes e leque geográfico maiores. Então tivemos inscrições de São Paulo, mas também de outros Estados e até do exterior. Basicamente eram 100 pessoas por curso. Agora em 2023, continuamos com cursos online, mas a grande maioria é presencial. É bom fazer um mix e algumas coisas

não tem como ser online”, pontua Stickel. “Interessante que conseguimos fazer um curso de estamperia online com a Ivone Rigobello. No início ela pensou que seria impossível, logo depois surgiu a solução, Ivone montou um kit de materiais que os alunos recebiam pelo correio e acabou funcionando muito bem, lembra Stickel, que também comentou sobre alma de artista do brasileiro. “O empreendedor ou artista adormecido dentro do cidadão comum brasileiro precisa de um estímulo para inventar e fazer coisas. E a gente dá a faísca, o despertar pelo curso de arte e muitas vezes a pessoa pode fazer modificações expressivas na sua vida e seguir uma nova carreira. Vários alunos do curso de fotografia mudaram de profissão, fotografando batizados de crianças e assim por diante, isso é bem comum.”

CASOS DE FAMÍLIA, CLUBES E VOCAÇÃO PARA O TERCEIRO SETOR

Mais recentemente a Fundação sofreu com as várias crises, não temos o suporte de uma empresa e estamos muito empenhados em

captar recursos para manter a missão”, resume o presidente da Fundação Stickel. “Precisamos ter toda legitimidade, atendendo às leis e às boas práticas do Terceiro Setor, compliance, governança e o “diabo a quatro” para poder captar recursos junto a doadores via Lei Rouanet, Proac, Promac, enfim, leis de incentivo. Temos tido dificuldade de captar porque a recente crise pegou todo mundo, inclusive quem estava acostumado a ser parceiro de ONGs e fundações”, explica Stickel.

A prospecção de patrocinadores também passa por um problema de comunicação e divulgação. “É preciso investir um bom dinheiro em assessoria de imprensa e redes sociais. Custa dinheiro se fazer conhecido, networking, tempo e esforço. Há organismos que fazem a ponte e certificação e tem cadastro de pessoas que investem em projetos de saúde, cultura, idosos, presos e assim por diante. Atualmente trabalhamos mais com jovens e adultos e nosso próximo passo são projetos para crianças e adolescentes.”

Em 2024, a Fundação completará 70 anos. “Planejamos fazer um livro para contar história mais detalhada com pesquisa especializada”, revela Stickel, sócio da Sociedade Hípica Paulista há cerca de 18 anos. “Minha esposa Sandra fazia aula de equitação na escolinha da SHP e me chamou para conhecer o clube. Eu era do Clube Pinheiros, onde meu avô Arthur Stickel foi presidente. Minha família passou décadas no Pinheiros. Quando vi a piscina da SHP, eu pensei conheço: devo ter vindo com meus pais. Gostei de ver a academia vazia e um dia minha esposa propôs ficarmos sócios. Hoje eu pratico o fitness, uso a piscina e a Sandra monta a cavalo. Por conta disso, fui conhecendo um pouco mais sobre o mundo do hipismo, mas não é minha praia. A hípica é um dos lugares mais bonitos de São Paulo. Vou toda manhã da minha casa até a SHP dá 9 minutos. É muito perto, um privilégio essa área verde, uma maravilha. A SHP é rotina total da casa”.



Rosineide da Silva Lacerda
2011

discorre Stickel, que também falou um pouco sobre suas origens.

"Apesar do meu avô ter sido presidente do clube Pinheiros, meu pai, que quando jovem jogava tênis, não tinha vida de clube. Meu avô, o velho Herr (senhor) Stickel era um ser social, tinha um enorme relacionamento, foi presidente do Pinheiros por 13 anos. Já meu pai era um bicho de livro, estudioso. Ele levou 30 anos para fazer seu livro: um estudo da iconografia brasileira e trabalhos de arte dos viajantes que vinham para o Brasil. Trabalhos que ele curtia, comprava e estudava: aquarelas, desenhos, gravuras, telas. Ele estudou autor por autor desses trabalhos, e lançou seu livro "Uma pequena biblioteca particular" em 2004. Sua "brasileira" foi vendida para o Instituto Moreira Salles, onde a coleção Martha e Erico Stickel pode ser visitada.

Mas qual a origem do nome Erico João "Siriuba" Stickel, pai de Fernando Stickel? "Meu avô no período antes da 1ª guerra tinha negócios em São Paulo. O Esporte Clube Pinheiros se chamava Sport Club Germania e foi obrigado a trocar o nome por conta da guerra. Como parte da perseguição, quebraram o negócio do meu avô e ele fugiu para praia da Siriuba na Ilha Bela. Lá minha avó engravidou e pouco antes do parto em 1920 vieram para São Paulo. Meu pai nasceu no Hotel Albion no centro da cidade com a ajuda de uma parteira e foi batizado Erico João Siriuba Stickel.

Já Fernando Stickel não abandonou completamente sua vocação para as artes plásticas. "A minha carreira foi muito truncada e eu acabei diminuindo muito quando comecei com a Fundação. De vez em quando faço uma coisinha, a fotografia também faz parte e fico rabiscando nas reuniões. Então o vírus da arte segue vivo", conta Stickel que também ministra cursos de desenho na Fundação com renda revertida para os projetos. "Também virei bicho de livro, lancei o primeiro em 1999: são poesias e desenhos que reuni durante 30 anos, publicado pelo amigo Ale-

"Precisamos ter toda legitimidade, atendendo às leis e às boas práticas do Terceiro Setor, compliance, governança e o "diabo a quatro" para poder captar recursos junto a doadores via Lei Rouanet, Proac, Promac, enfim, leis de incentivo. Temos tido dificuldade de captar porque a recente crise pegou todo mundo, inclusive quem estava acostumado a ser parceiro de ONGs e Fundações"

FERNANDO STICKEL

xandre Dórea Ribeiro (editora DBA), sócio da SHP é membro o Conselho da Fundação Stickel.

"Na verdade, eu trago para a Fundação toda a minha curtição da arte, junto com aquilo que hoje posso dizer que é consciência social, que é algo que eu aprendi esses anos todos. Eu não nasci com essa consciência, meus pais não nos ensinaram, mesmo tendo uma Fundação. Fui aprendendo, fiz um MBA em 2009, 2010, específico do Terceiro Setor, que me proporcionou os ensinamentos técnicos, e principalmente, me abriu o networking do setor, sem o qual não estaríamos onde estamos hoje", revela Stickel.


"Eu sou o CEO da Fundação e a Sandra, minha esposa, presidente do Conselho Curador. O envolvimento dela é completamente diferente, eu acho que a parceria é que funciona. Ela cuida mais da parte estratégica e conceitual e não está aqui no dia a dia. Mas tem feito filminhos profissionais para rede social, faz um mix entre garota propaganda, estrategista e arquiteta. A Sandra assumiu a presidência com a renúncia da minha mãe, aos 96 anos. Recentemente tivemos uma renovação de Conselho, agora com sete membros. A governança também é uma conquista minha. Antes era só nossa família e hoje temos uma governança ativa, com eleição de membros, todos voluntários. Foi uma evolução e o Conselho Fiscal também está funcionando", finaliza o CEO da Fundação.


Como doar


A doação é um jeito simples e rápido de apoiar a arte e a cultura, ajudando na manutenção e ampliação dos cursos e projetos socioculturais da Fundação Stickel, seja com doações de pessoas físicas ou via projetos de incentivo.


Empresas interessadas em patrocinar os projetos da Fundação Stickel, através de leis de incentivo, podem entrar em contato através do e-mail adm@fundacaostickel.org.br


Saiba mais:

 www.fundacaostickel.org.br

 Facebook: [fundacaostickel](https://www.facebook.com/fundacaostickel)

 Instagram: [fundacao.stickel](https://www.instagram.com/fundacao.stickel)

 LinkedIn: [fundacaosticke](https://www.linkedin.com/company/fundacaostickel)

 Twitter: [FundacaoStickel](https://twitter.com/FundacaoStickel)